



ARTESÃS PROFISSIONAIS: REFLEXÕES SOBRE O CURRÍCULO NO PROCESSO DE FORMAÇÃO NO INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS

Ana Cristina Santos Limeira/IFAL¹
anacrislimeira@gmail.com

RESUMO

Este artigo analisa os impactos da formação de artesãs egressas do Curso Técnico em Artesanato, na modalidade de educação de jovens e adultos /PROEJA no Instituto Federal de Alagoas/Campus Maceió. Através das histórias de vida das mulheres artesãs foi possível compreender os impactos do processo da formação por meio de organização curricular integrada que reconhecem e valorizam seus atores sociais, a cultura artesanal, saberes e ofícios, no processo de criação para a produção artesanal. O problema da pesquisa é o desconhecimento de como as artesãs egressas e os docentes do curso técnico em artesanato do IFAL percebem o reconhecimento, a valorização e a visibilidade social do trabalho artesanal a partir da formação oferecida no curso, no qual fez-se um recorte neste artigo para analisar o tensionamento do currículo no processo de formação das artesãs. Este tudo visa contribuir para enriquecer o valor cultural, social e econômico, assim como metodologias e práticas para a profissionalização de jovens e adultos.

PALAVRAS-CHAVE: Currículo – Artesãs – Profissionalização - Histórias de vida.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo sobre as Artesãs Profissionais² tem um marco significativo, primeiro pelo fato do Curso Técnico em Artesanato completar 10 anos³ de sua oferta no Instituto Federal de Alagoas/Campus Maceió. Segundo, a história desse curso se entrelaça com os 10 anos dos Institutos Federais, o qual busca-se reafirmar a política da educação de jovens e adultos e trabalhadores na rede federal, em especial em Alagoas, visando atender uma demanda social e histórica desse público, com processo de escolaridade descontínua, e cujo objetivo é elevação da escolaridade através da profissionalização.

Foi possível perceber que o tensionamento do currículo ao processo de formação trouxe, também, reflexões aos docentes como possibilidade de compreender a ação de quem planeja o curso, de quem esteve no cotidiano da sala de aula. Uma análise que traz uma

¹ Doutora em Educação: Currículo/PUCSP, Professora do Instituto Federal de Alagoas/IFAL – Campus Maceió. E-mail: anacrislimeira@gmail.com

² Artesãs profissionais: estudo das relações entre os saberes da cultura artesanal e os saberes tecnológicos nas histórias de vida de egressas do Curso Técnico de Artesanato/PROEJA do Instituto Federal de Alagoas -IFAL. Tese de Doutorado em Educação: Currículo – PPGE/PUCSP, 2015

³ Seminário 10 anos EJA/EPT: trajetória, desafios e perspectivas envolvendo alunos, egressos, docentes e professores convidados da UFAL/PUCRS/UFGRS. Realizado em jun/2018 no IFAL/Campus Maceió.



trajetória de construção e (des)construção de um exercício da ação pedagógica para jovens e adultos.

E, como desdobramento da reflexão acima situada, outras indagações se impuseram, a saber: como artesãs egressas do curso técnico em Artesanato ofertado pelo IFAL/campus Maceió e, por extensão boa parte dos docentes, percebem a tríade reconhecimento-valorização-visibilidade social do trabalho artesanal pós formação no curso? Partindo do pressuposto de haver desconhecimentos de ambos os lados, e, para responder a tal questão, traçamos, então, um norte para a pesquisa. A opção metodológica, portanto, é de cunho qualitativo com uso de pesquisa narrativa e abordagem em História de Vida, tem como referenciais teóricos em NÓVOA (2010), JOSSO (2004). FERRAROTTI (2010)

A Metodologia da investigação em tela se caracteriza como Pesquisa Narrativa, com o enfoque metodológico para a análise das narrativas das histórias de vida das artesãs egressas do curso técnico em artesanato, realizada com a primeira turma ofertada pelo IFAL/campus Maceió, período 2008/2010.

Compõe o escopo metodológico dessa investigação os seguintes procedimentos: na 1ª etapa o levantamento das fichas de matrícula da primeira turma/2008, visando conhecer a trajetória de formação para a aplicação dos questionários, o que nos possibilitou traçar um perfil da turma e definir a pesquisa das Histórias de vida, considerando desde a formação profissional a relação com o mercado artesanal, o processo de aprendizagem, e o crescimento pessoal e profissional das artesãs. As entrevistas foram a base para as Histórias de vida, o caminho metodológico. Os critérios adotados para as Histórias de vida: ter a conclusão do curso; atuação no mercado artesanal; prosseguimento dos estudos; experiência de trabalho em associação e/ou cooperativa; consideramos também a inserção de uma artesã que não conseguiu concluir o curso, visando a identificar as causas de desistência e/ou evasão.

Na 2ª etapa da pesquisa, foi voltada para os docentes, no qual investigou questões concernentes: a formação geral e a formação técnica profissional. Para tanto, dividimos em dois momentos, recorreremos inicialmente à entrevista e posteriormente através de grupo de discussão, visando conhecer de forma coletiva o que representou a ação pedagógica do curso, os desafios sobre o currículo e, de certa forma, propiciar uma avaliação entre os docentes sobre o processo da profissionalização das artesãs.



2 O DIÁLOGO DE SABERES E PRÁTICAS PARA O PROCESSO DE CRIAÇÃO E PRODUÇÃO ARTESANAL

Pensar sobre a dinâmica da instituição escola, da ação pedagógica, de metodologias e práticas para a educação de jovens e adultos trabalhadores, por si, já consiste em desafios à ação docente, e, soma-se a essa proposição, pensar metodologias e práticas para a formação de artesãs, considerando o processo de criação e produção artesanal, assim como a formação da cidadania no âmbito escolar. Compreender o processo do *como se forma* e dá visibilidade às experiências pedagógicas para a formação de mulheres no processo artesanal. (JOSSO, 2004).

Há, portanto, que reconhecer os tensionamentos que se estabeleceram no currículo e que trouxeram outras implicações e reflexões, entre as quais destacamos: 1. Formação para o resgate; 2. O fomento de políticas públicas para a cultura; 3 Estudos de cultura: concepções de cultura, arte e artesanato; 4. profissionalização⁴ para as mulheres⁵ no artesanato; 5. Política de inclusão social no IFAL, e para Alagoas, e no âmbito da Rede Federal.

Isto posto, advogamos que o tensionamento do currículo ao processo de criação nos possibilitou reflexões junto aos docentes de nos permitir ter uma visão formadora de quem planeja o curso, de quem esteve no cotidiano da sala de aula, refletindo as experiências não mais da primeira turma, mas uma trajetória entre 2008/2015.

Até porque, sabemos, há uma complexidade no currículo, que envolve a cultura artesanal, a identidade local, experiências significativas que, ao serem reconhecidas e valorizadas, trazem outras formas de pensar o currículo e o processo escolar para a educação de adultos, em especial as artesãs.

Ressalte-se, nesse sentido, os embates outrora ocorridos entre a Indústria Cultural e o mercado de trabalho artesanal (BENJAMIN, 2012): a obra de arte na era da reprodutividade técnica, que anuncia as mudanças operadas na modernidade, trazendo conceitos de: autenticidade, existência única, aura, uma teia singular e o valor da unicidade. Estas são dimensões que nos possibilitam entender a gênese da cultura, que envolve o processo de criação artística, para desmistificar a escolarização, e as ajudem a pensar com autonomia sobre a criatividade, a sair da invisibilidade dos trabalhos sem rosto, sem nome (PERROT

⁴ A conquista da Profissão de artesão, reconhecida pela Lei nº Lei nº 13.180, de 22 de outubro de 2015.

⁵ Ao longo dessa pesquisa adotei a flexão plural feminina da palavra “artesãs”. No censo do SICAB em Alagoas, 2014, dentre os/as cadastros /as, 90% são mulheres. E, no curso em artesanato predomina mulheres.



(2007). Um currículo que possibilite as mulheres a busca de sua autonomia como artesãs por meio da profissionalização e justiça social.

2.1 O CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL DAS ARTESÃS EM SUA TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO

Para essa pesquisa, a categorização dos estudos em histórias de vida encontra ressonância em Nóvoa (2007), para fazer a analogia entre vidas de professores e Histórias de vida de Artesãs, compreender a formação do ponto de vista do sujeito em suas *dimensões pessoal e social*, para entender como elas aprendem e as *representações* que trazem para a educação formal.

Quadro 1: Contexto Histórico e Social das Artesãs na trajetória de formação

Dimensões: <i>Pessoal e Social</i>	<i>Território e Fronteiras da Formação</i>		
	TRADIÇÃO	CONHECIMENTO	PROFISSÃO
Sujeitos da pesquisa	Ponto de partida na relação com a cultura artesanal	Identificação, Gênero, Perfil Socioeconômico;	Formal /Informal
Trajetoira/caminho da autoformação como artesã	Origem dos vínculos com o artesanato	Memória e o Vínculo da relação com o artesanato Experiências e Vivências	Sentido que o artesanato traz em suas vidas;
Escolaridade (espaço formal)	Tempo percorrido para a escolarização formal: onde e como se deu?	Continuidade/descontinuidade da escolaridade;	Expectativas iniciais e finais do curso.
Formação do Curso Técnico de Artesanato	Entrelaçamento das relações entre os saberes na formação técnica (formal e não formal);	Senso comum e o tecnológico: avanços, limites e entraves;	Impactos do processo da aprendizagem no percurso da formação;
Práticas artesanais e suas complexidades	Trajetoiras da aprendizagem no universo (fazer) artesanal;	Tessituras das práticas: antes e após os conhecimentos tecnológicos;	Processo de criação/ inovação artesanal após o curso;
Mercado de Trabalho	A (re)inserção na produção artesanal	Conhecimento do mercado artesanal antes e após o curso: mudanças desencadeadas	Mercado formal e informal: Associativismo
Mudanças proporcionadas pelo curso	Crescimento pessoal, seu lugar na família e na comunidade;	Percepção atual da profissão de artesã;	Mudanças desencadeadas na relação com o mercado artesanal
Projetos	Nível Pessoal e Satisfação	Perspectivas com o mercado Artesanal	Resultados esperados

Fonte: a autora



A Tradição, o Conhecimento e a Profissão foram categorias de análises que possibilitaram mapear o território e a fronteira da formação das artesãs, cujas trilhas vieram do resgate em suas narrativas e memória, para trazer pontos de reflexão sobre *o caminhar para si*, o projeto de vida, as diferentes identidades, suas representações e projeções, como proposto por Josso (2004), ao tratar das histórias dos aprendizes e da sua relação com o saber, pelo singular, pelo sujeito: *Da formação do sujeito... ao sujeito da formação*.

Essas implicações trazem questões que não estão presentes no currículo, e que não podemos nos omitir de vivenciar, posto que envolvem dimensão sociais, que requerem um currículo com proposições de cidadania, discussões de gênero, justiça social, com debate mais amplo para a formação das artesãs, para além do produto, ou seja, a inclusão social dessas mulheres, considerando que se inserem em contexto onde nem sempre existe a valorização da arte popular.

O sentido que traz escutar as vozes das egressas, senão para compreender que sua formação se encontra entre a singularidade do trabalho artesanal e o trabalho silenciado de mulheres que, apesar de terem o talento para produzir suas peças artesanais, não conseguem se inserir na competitividade do mercado artesanal, cuja atuação na individualidade as fragilizam.

Portanto, a emancipação social e econômica das artesãs envolve política pública para a categoria e, como tal, a instituição não pode esquecer que a gestão institucional deve fortalecer a ação docente. Considerando isso, percebe-se que os desafios são postos a política da oferta da modalidade da Educação de Jovens e Adultos visando superar a exclusão social de mulheres que, através da profissionalização no artesanato, possibilitarmos que as artesãs exerçam, de fato, o direito a escolarização.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estas reflexões visam contribuir com a história das mulheres que vivem em espaços sem visibilidade de produção artesanal, no anonimato de um trabalho que, apesar da diversidade cultural que representa, da identidade cultural tecida em suas mãos talentosas, de trazerem a marca de uma tradição nem sempre valorizada.



Como dito alhures, a abordagem dessas histórias foi feita à luz dos estudos de Nóvoa (2007), Josso (2004), Benjamim (1994), entre outros teóricos, que nos auxiliam a construir uma organização curricular que reconhece seus atores sociais e sua cultura, o lócus da formação e sua tradição tecnológica, os impactos para o trabalho docente e a proposição de contribuir com a história das artesãs de Alagoas, representadas pelas egressas, que buscaram através da profissionalização sair da invisibilidade do trabalho doméstico e projetar-se como artesãs, como mulheres.

Ressaltamos, de pronto, que as narrativas das artesãs revelaram como o curso proporcionou o crescimento pessoal e profissional, ademais a elevação da autoestima. O retorno à sala de aula e a profissionalização ampliaram as possibilidades da formação dessas mulheres, de ingressar na educação superior, de serem mestres do artesanato, de se inserir em outras atividades profissionais. Mostraram, ainda, como o curso é bem estruturado, o trabalho que os docentes desenvolvem tem todo um diferencial, por atender as necessidades e reconhecer a singularidade dessas mulheres e por considerar os déficits que trazem de aprendizagem. É um trabalho que reconhece e valoriza a identidade de seus sujeitos.

Reconhecemos que a pesquisa aponta para inúmeras e amplas questões, que precisam ser discutidas pelo currículo, para nortear o curso: criação e autoria, tradição artesanal e design, produção individual e trabalho cooperativo, talento individual e trabalho em cooperativa. Eis temas que trazem uma complexidade e que podem ser norteadores para pensar os itinerários formativos para além da criação do processo artesanal. A investigação permite concluir que os referências pautados por esse trabalho possibilitaram compreender que é impossível discutir sobre a cultura e o processo artesanal sem o reconhecimento da importância do trabalho das mulheres para o artesanato brasileiro. Em síntese, ressaltamos o papel social do Instituto Federal para com a oferta desse curso como política institucional para a modalidade de jovens e adultos.

Nesse sentido, mister dizer que, após esses 10 anos de trajetória de oferta de curso, estamos atualmente em outro movimento de pesquisa, avaliando o currículo na ótica dos docentes e discentes, em uma parceria interinstitucional entre IFAL, UFAL e UFRGS. Novos desafios nos aguardam.



REFERÊNCIAS

ALAGOAS. Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de Alagoas. **Plano do Curso Técnico de Artesanato**. Maceió, 2007.

BENJAMIN, W. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. In: BENJAMIN, W. *Magia e Técnica, Arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas. V. 1).

BRASIL. **Decreto nº. 5.840**, de 13 de julho de 2006. BRASIL. Institui, no âmbito federal, o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e adultos – PROEJA. Brasília, 2006.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, Antônio; FINGER, Martins (org.). **O método (auto) biográfico e a Formação**. RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

JOSSO. Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **Da formação do sujeito... Ao sujeito da formação**. In: Nóvoa, A. e FINGER, M. (Org.). *O método (auto) biográfico e a formação*. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

LIMEIRA. Ana Cristina S. **Currículo integrado do PROEJA: um estudo dos (des)encontros de várias práticas e saberes**, PPGE/ UFAL. Disponível em: <www.sibi.ufal.br>. Maceió/AL, 2010.

_____; PIZZI. L. C. V. **Currículo do PROEJA: diálogos entre práticas e saberes em uma proposta de integração curricular**. *Revista e-Curriculum (PUCSP)*, v. 11 n 1, p. 97-113, 2013.

NÓVOA, Antônio. **Vidas de Professores**. Porto Editora, 2007.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

VAZQUEZ, Adolfo Sanchez. **Filosofia da Práxis**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2011.